
PANORAMA HISTÓRICO E GEOPOLÍTICO DO SÉCULO XX: GUERRA FRIA, ECONOMIA E ASCENSÃO CHINESA

Adyr Garcia Ferreira Netto*
Clodomiro José Bannwart Júnior**
Elve Miguel Cenci***

RESUMO

Este artigo oferece um panorama histórico dos principais aspectos macropolíticos que marcaram o século XX, para tanto: discorre sobre a Guerra Fria entre USA e URSS; analisa modelos econômicos e reconstitui a história e a ascensão da China.

Palavras-chave: geopolítica no século XX; Guerra Fria; China e economia.

ABSTRACT

This article offers a historical overview of the main macro-political aspects that marked the 20th century, therefore: it discusses the Cold War between the USA and the USSR; analyzes economic models and reconstructs the history and rise of China.

Keywords: geopolitics in the 20th century; Cold War; China and economy.

INTRODUÇÃO

A história do século XX foi marcada por transformações macropolíticas e econômicas sem precedentes no âmbito das relações internacionais. Depois de duas guerras mundiais consecutivas e um curto período de paz que instituiu a Organização das Nações Unidas ONU em 1945, os anos seguintes ainda testemunhariam uma disputa pela hegemonia militar global entre os Estados Unidos e a União Soviética, as únicas superpotências remanescentes dos conflitos que também reclamavam ingerência política e econômica na Europa como recompensa pelos custos de livrá-la do jugo nazifascista. Uma disputa tacitamente declarada pelos líderes dos dois países quando transformaram a sede da nova organização intergovernamental num palco de intimidações e ameaças veladas. O jogo macropolítico

* [Adyr Garcia Ferreira Netto](#): Doutor em Direito UEL e doutor em (Letas/Linguística) UFSC e doutorando em direito negocial UEL.

** [Clodomiro Bannwart Júnior](#): Doutor e pós-doutor em filosofia UNICAMP.

*** [Elve Miguel Cenci](#): Doutor em Filosofia UFRJ.



antagonizado por profundas divergências ideológicas foi acirrado por uma frenética corrida armamentista e um iminente confronto nuclear, uma tensão política que dividiria o mundo numa Guerra Fria por mais quatro décadas.

O capitalismo americano e o comunismo soviético foram usados estrategicamente no terreno da disputa pela supremacia global, pois convencer o mundo da superioridade ético-cultural fazia parte da crença de que junto com a força militar, o estilo de vida e a visão de governo também eram formas estruturantes e constitutivas de poder.

De um lado, os EUA nos moldes do Estado liberal, valoriza as liberdades individuais, a propriedade privada, a democracia e a economia de mercado, de outro lado, o Estado Socialista Soviético como único proprietário dos meios de produção, centraliza no partido comunista o gerenciamento da economia, da sociedade e da vida. Em defesa das ideologias houve profícuas discussões teóricas no âmbito da economia, da sociologia e da filosofia política e jurídica sobre o papel intervencionista do Estado que ainda são vivas no ambiente acadêmico para compreensão da formação do mundo contemporâneo.

No começo do século XX também surgem levantes nacionalistas e comunistas em solo chinês. Uma disputa política interna entre os dois grupos levou o país a uma guerra civil e por desfecho a Proclamação da República Popular da China. Após uma revolução cultural que resultou em tragédia humanitária e colapso econômico, a China instituiu reformas radicais na economia, e, ao contrário do modelo soviético, despolitizou o mercado e adotou uma postura menos ideológica e mais pragmática no envolvimento com a comunidade internacional. O novo “socialismo com características chinesas”¹, uma síntese das forças antagônicas da guerra fria que distendeu o “fim da história” de [Francis Fukuyama](#), incorporou no seu projeto de desenvolvimento elementos capitalistas como a abertura de mercado e a propriedade privada, mas rejeitou cânones liberais ocidentais de ordem política e jurídica como a democracia e as liberdades individuais. Nesta seara manteve-se na tradicional cartilha revolucionária marxista

¹ “Socialismo com características chinesas” foi uma expressão utilizada pela primeira vez por Deng Xiaoping em 01/09/1982 no seu discurso da sessão inicial do XII congresso do PCCh: “*We must integrate the universal truth of Marxism with the concrete realities of China, blaze a path of our own and build a socialism with Chinese characteristics - that is the basic conclusion we have reached after reviewing our long history*”. “Devemos integrar a verdade universal do marxismo com as realidades concretas da China, abrir um caminho próprio e construir um socialismo com características chinesas - essa é a conclusão básica a que chegamos depois de revisar nossa longa história”. (trad. livre). XAOPING, Deng. In: Opening Speech At the Twelfth National Congress of the Communist Party of China. Disponível em: <https://dengxiaopingworks.wordpress.com/2013/03/08/opening-speech-at-the-twelfth-national-congress-of-the-communist-party-of-china/> Acesso em: 01 jan. 2022.



de rígido controle social pelo Estado². A inusitada combinação entre “capitalismo de mercado e socialismo político” viabilizou um ritmo de crescimento econômico, tecnológico e militar que surpreendeu o mundo, tornando a R. P. da China uma nova superpotência mundial.

O conturbado século XX que parecia ter como desfecho a *débâcle* do socialismo soviético, o fim da Guerra Fria e a incipiente ascensão chinesa, ainda guardaria surpresas como a globalização e o nascimento da “sociedade pós-moderna”. Estes novos macrofenômenos sociais impulsionados pela “*World Wide Web*”, a rede mundial de computadores que na década de 1990 integrou o planeta em “tempo real” com tecnologia de informação, também foram capazes de modificar os vínculos humanos, a percepção filosófica e existencial da vida, e, criar *ex abrupto*, uma revolução geracional na transição para o século XXI.

Apresentar uma visão panorâmica e histórica dos principais eventos macropolíticos e econômicos do século XX é o propósito deste artigo.

O SÉCULO XX: RETROSPECTO GEOPOLÍTICO E ECONÔMICO

“A guerra não consiste apenas na batalha, ou no ato de lutar, mas naquele lapso de tempo durante o qual a vontade de travar batalha é suficientemente conhecida”.

Thomas Hobbes³.

A decisão do presidente Harry S. Truman de acelerar o fim do conflito militar com o Japão usando armas nucleares mudaria os rumos da história das relações internacionais. O ato de demonstração de força além de acenar para o mundo que os EUA seriam⁴ capazes de subjugar qualquer outra nação hostil, era também um poderoso símbolo de persuasão para seus futuros interesses estratégicos na reconfiguração geopolítica global no pós-guerra.

O clima de otimismo e comemoração entre os países aliados durante a criação das [Nações Unidas](#) em 1945 foi rapidamente substituído pela tensão política entre EUA e URSS, as duas únicas superpotências remanescentes da Segunda Guerra Mundial que polarizariam a hegemonia militar global e divergiam ideologicamente entre o capitalismo e o comunismo, dois

² Vide: QIN, Xuan e Doria, Gaio. O socialismo com características chinesas e seu papel como ideologia guia da China. **SÉCULO XXI - Revista de Relações Internacionais**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, jan./jun. 2016, p. 118.

³ HOBBS, Thomas. **Leviatã ou Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007, p. 98.

⁴ A flexão verbal depende da presença do artigo, por exemplo: “Os Estados Unidos seriam capazes”, ou, “Estados Unidos seria capaz”.



modos doutrinariamente antagônicos e excludentes de conceber a economia, a sociedade e o Estado, ideologias que se contrastam desde o mais recôndito reduto da condição humana, pois dissentem sobre o sentido da liberdade, da responsabilidade, da ideia de indivíduo e coletividade. A ideologia que dá a unidade patriótica ao povo, que inspira hinos e exalta o poder militar, seria defendida nos bastidores políticos por ambos os lados com a mesma disciplina e entusiasmo com que travaram seus combates nos campos de batalha na Guerra Mundial.

Em que pese a supremacia bélica demonstrada pelos americanos, os soviéticos contavam no final da guerra com grande prestígio perante a comunidade internacional, por razões pontuais, entre elas, pelo sacrifício econômico no esforço de guerra; por ter subjugado a *Wehrmach*⁵ no *front* Oriental; pela evidente força militar que ainda dispunha, e, sobretudo pelo número de vidas perdidas no enfrentamento contra o nazismo, em termos absolutos, nenhum outro país teve um custo humano tão alto na história, isto *per se* era um forte argumento que seria politicamente explorado em favor de seus interesses⁶. A propósito, tanto pela resistência daqueles que lutaram contra a ascensão dos Estados nazifascistas (ambos antimarxistas) quanto pelo reconhecimento ao sacrifício do povo soviético, no ambiente acadêmico europeu renovaram-se as atenções ao marxismo por sociólogos e filósofos, a exemplo dos alemães da Teoria Crítica (futura Escola de Frankfurt)⁷ e dos intelectuais franceses do existencialismo⁸.

⁵ *Wehrmach*: “Forças armadas”, do alemão *wehren* (defender) + *Macht* (força). Conjunto das forças armadas da Alemanha Nazista.

⁶ Importante registrar que o custo humano durante este período em muito também se deve (e se contabiliza) ao extermínio de natureza ideológica nos campos de concentração (Gulag - ГУЛАГ) que o comunismo impôs ao seu próprio povo, quanto às estratégias militares suicidas de Stalin (Иосиф Виссарионович Сталин) e do seu mais condecorado oficial, o general Gueorgui Konstantínovitch Zhukov (Георгий Константинович Жуков). As suas estratégias são conhecidas pelo total desprezo a vida dos seus civis e soldados. Em batalhas como de Stalingrado (atual Volgogrado), estima-se que na contraofensiva apenas 1 em cada 5 soldado soviético dispunha de algum tipo de arma, a recusa ao avanço ou o passo de recuo recebiam pena imediata de fuzilamento. Com média aproximada de 10 mil mortos por dia, ao final conta-se mais de 1.100.000 (um milhão e cem mil) baixas apenas do lado comunista, em uma única batalha. O sacrifício das vidas dos soldados e dos civis renderam muitas medalhas ao general. Durante a guerra enquanto Moscou era conhecida como a “cabeça da Rússia”, Stalingrado era o seu coração. Não é sem razão que a estátua da “Mãe Pátria” em homenagem à Rússia foi erguida nesta cidade.

⁷ Sobre a Escola de Frankfurt, este estudo inicia-se com a: “[...] divulgação de trabalhos explicitamente vinculados ao marxismo, então de regra excluído das instituições universitárias [...]” “Pode-se dizer, portanto, que “Escola de Frankfurt” designa antes de mais nada uma forma de intervenção político-intelectual (mas não partidária) no debate público alemão do pós-guerra, tanto no âmbito acadêmico como no da esfera pública entendida mais amplamente”. Conforme Carlos Nobre. Apresentação: Luta por reconhecimento: Axel Honneth e a Teoria Crítica. In.: HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003, p. 7-8.

⁸ Os filósofos existencialistas deram suporte intelectual a movimentos que se popularizaram e influenciaram diretamente a formação da sociedade ocidental contemporânea, entre eles, a revolta dos estudantes em “maio de 68” na cidade de Paris que colocou em questão temas como a Guerra Fria, os crimes das ditaduras, as liberdades individuais e sociais e a democratização. Ressalta-se também que estes movimentos intelectuais tinham interesse meramente teórico e até crítico ao marxismo, e não como frequentemente se confunde, como forma de simpatia



Em meados da década de 1940 quando o resultado da WWII⁹ já era irreversível, nas primeiras conferências internacionais realizadas em Teerã/1943, Yalta/1945 (nestas os EUA liderados por Franklin Delano Roosevelt) e Potsdam/1945 por Harry S. Truman, o líder americano juntamente com Winston Churchill e o então aliado Josef Stalin, colocaram em pauta entre as questões de estratégia militar para coordenar o cerco definitivo das forças alemãs remanescentes, a discussão de como seria a reconstrução e a administração política e econômica da Europa, razão pela qual surgiram os primeiros sinais da configuração de um cenário de discordâncias e tensões entre USA e URSS. Consumada a guerra, a ausência de um inimigo em comum desobrigou os antigos aliados a manterem seus laços de amizade, pois a amistosidade e a tolerância política, simulacros estratégicos para unir forças no combate, eram dispensáveis para reclamar os despojos da Europa. As divergências e a polarização se intensificavam na medida em que se discutiam a distribuição dos territórios, as zonas geográficas de influência, as formas do comércio internacional, a permanência do exército vermelho nos países ocupados na contraofensiva até a Alemanha, e, enfim, como seria o novo desenho geopolítico europeu.

A ONU em seus primeiros momentos se transformou num palco para o teatro político que sempre encenava o previsível e interminável jogo de vetos¹⁰ entre Truman e Stalin, quando demonstravam a mútua tentativa de frustrar a expansão e a consolidação da cultura concorrente.

Nesta pauta geopolítica sobre a configuração ideológica da Europa, o ponto mais controverso era o destino do principal “espólio de guerra”, a própria Alemanha, que seria dividida em uma parte ocidental - alinhada ao capitalismo americano e seu pacote político/econômico liberal - e outra oriental - administrada pelo regime comunista soviético - com o incômodo de que a Capital Berlim, subjugada simultaneamente por ambas as superpotências, estava geograficamente localizada na parte oriental do país, *i.e.*, na divisão (física e política) da cidade haveria uma região capitalista encravada no coração da Alemanha Oriental que os EUA não abririam mão, *cf.* Eric Hobsbawn: “[...] A URSS aceitou com

ou adesão partidária ao comunismo, pois rapidamente o regime se revelaria, em geral, como outra forma totalitária e ditatorial de Estado, a exemplo não só do regime de Stalin na URSS, mas da Revolução Cultural de Mao na China, do Khmer Vermelho de Pol Pot no Camboja, do Partido dos Trabalhadores de Kim Il-sung na Coreia do Norte, da Revolução de Saur de Nur Mohammad Taraki no Afeganistão, na Polônia, Ucrânia, o Afrocomunismo na Etiópia, Angola e Moçambique, na América Latina e por todos os lugares onde o braço comunista se estendeu.
⁹ *World War II* “Segunda Guerra Mundial”.

¹⁰ Art. 27 da carta das Nações Unidas. CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2021-08/A-Carta-das-Nacoes-Unidas.pdf> Acesso em 14/12/2021.



relutância Berlim Ocidental como um enclave dentro de seu território alemão, mas não estava preparada para lutar pela questão”¹¹.

Na parte ocidental da cidade (separada pelo muro em 1961), apesar do acesso restrito pelos “corredores aéreos” para transportar mantimentos e máquinas pesadas para a sua reconstrução - restrição estrategicamente imposta pela URSS para dificultar o apoio americano aos alemães da capital - a Berlim capitalista se tornaria um oásis de prosperidade em meio a um deserto de atraso e pobreza, uma ilha de liberdade política e econômica cercada pela ditadura stalinista que oprimiu e empobreceu todo o território que ocupou.

Vale ressaltar que é um cenário *sui generis* na história, uma oportunidade rara (talvez única) para as ciências humanas estudarem e compararem os resultados práticos de duas teorias políticas e econômicas diferentes (e antagônicas) aplicadas simultaneamente ao mesmo contexto, considerando que se trata da mesma cidade, do mesmo terreno, do mesmo clima, da mesma cultura e do mesmo povo dividido ao meio apenas pelo modelo de Estado. A despeito da recuperação da Berlim ocidental, o cenário de pobreza econômica e subserviência política se estendeu por todos os territórios dominados pelo stalinismo, um exemplo extremo desta combinação, anterior a guerra e que se comparou ao holocausto judeu é o “Holodomor” (Голодомор) na Ucrânia na década de 1930, a expressão “matar pela fome” foi como os ucranianos resumiram o desastre humanitário de milhões de mortos por inanição impingido pela ditadura comunista. Com a queda da URSS em 1991, a Ucrânia declarou independência e proclamou leis que proíbem o comunismo¹², o nazismo, seus partidos e as propagandas de seus símbolos. Atualmente é considerada o “celeiro da Europa”, uma das maiores e bem-sucedidas produtoras de grãos do mundo. Parafraseando Étienne de La Boétie, são exemplos que mostram como a mágica em torno dos tiranos pode levar a servidão voluntária e a barbárie. A ideologia é arma incontida quando sequestra o espírito de povos tão determinados, mas é inegável que hoje o povo alemão dignifica a humanidade pela capacidade de superação e transformação.

Para o flerte com ditaduras e a negação da realidade, vale a antiga e sempre viva frase do poeta romano Horácio (65 a.C. - 8 a.C.), filho de um escravo liberto: “*Nullius addictus iurare*

¹¹ HOBBSAWN, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 179.

¹² No texto da lei há citação sobre o Holodomor e “a condenação de ações criminais do regime totalitário da URSS”. Conforme a Embaixada da Ucrânia no Brasil. Disponível em: <https://brazil.mfa.gov.ua/pt/news/lei-da-ucrania-condenacao-de-regimes-totalitarios-comunistas-e-nacional-socialistas-nazistas-na-ucrania-e-proibicao-da-propaganda-de-seus-simbolos>. Acesso em: 19 jan. 2022.



in verba magistri, quo me cumque rapit tempestas, deferor hospes”¹³ - “Não sou obrigado a jurar lealdade ao mestre, onde quer que a tempestade me carregue, chego como convidado”, disse Quinto Horácio Flaco a Caio Cílnio Mecenas entre meio a explicação de que não segue nenhuma seita, que não se submete a autoridade e que não se deve adaptar os fatos à teoria.

Neste contexto, a Alemanha e toda a Europa foi politicamente redesenhada com linhas geográficas que marcavam claramente o domínio capitalista e comunista, fora do continente, como lembra Eric Hobsbawn, a “situação era menos definida, a não ser pelo Japão, onde os EUA desde o início estabeleceram uma ocupação completamente unilateral que excluía não só a URSS, mas qualquer outro co-beligerante”¹⁴.

Curiosamente, assim como na França pré-revolucionária do séc. XVIII havia a nobreza, o clero e a plebe, a nova divisão econômica e geopolítica do mundo também seria categorizada em três setores considerando a aderência ideológica dos países com as superpotências em: o *primeiro mundo*: países capitalistas desenvolvidos e aliados aos EUA; o *segundo mundo*: países do bloco socialista administrados pela URSS e, o *terceiro mundo*: países em desenvolvimento e não alinhados necessariamente a nenhum dos blocos¹⁵. Esta última categoria representaria, em geral, os países fora do continente europeu com perfis econômicos ainda indeterminados, considerando, conforme *ut supra*, a rígida demarcação bipolar/política já estabelecida na Europa pela disputa de poder entre EUA e URSS. Considerando que as duas superpotências eram aliadas na Segunda Guerra, percebe-se a indefinição de um posicionamento econômico ou de uma adesão política entre os países do *terceiro mundo*, os *sans-culottes* da economia mundial, pelo fato de que não tiveram em seus territórios nenhuma batalha direta ou significativa durante a guerra que pudesse ser politicamente determinante para corresponder a algum reconhecimento ou compromisso ideológico com os EUA ou a URSS.

Em 12 de março de 1947 o presidente Harry S. Truman faz o discurso ao Congresso Americano estabelecendo as diretrizes da política externa e o combate à expansão do comunismo soviético na Europa, um conjunto de medidas que ficou conhecido como “Doutrina

¹³ Ep1, 15. *In.*: HORATIVIS. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 2008, p. 240. (trad. livre).

¹⁴ HOBSEBAWN, Eric J. *Op. Cit.* p. 179.

¹⁵ “A expressão Terceiro Mundo foi cunhada pelo demógrafo francês Alfred Sauvy, em 1952, como uma analogia com o Terceiro Estado (povo sem privilégios) da época da Revolução Francesa”. VISENTINI, Paulo Fagundes. Editorial: Terceiro mundo ou Sul Global? **Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, v.4, n.8, jul./dez. 2015, p.7-8.



Truman”¹⁶, que enaltecia a necessidade de apoio econômico aos governos europeus fragilizados pela guerra e ainda expostos a dominadores, para que conseguissem reestruturar a autonomia econômica, a segurança jurídica para o funcionamento do livre mercado entre as empresas, e, para que a ingerência do Estado dentro dos limites do *paradigma keynesiano*, pudesse superar a crise econômica, garantir a manutenção da liberdade, dos direitos fundamentais e da democracia, os pilares econômicos/jurídicos/políticos do capitalismo americano.

Aqui, um rápido adendo de teoria econômica sobre o cenário de crise, intervenção estatal e recuperação no modelo liberal americano: Para compreender, em linhas gerais, este *paradigma econômico* e a proposta keynesiana de recuperação da crise capitalista, é importante lembrar que o modelo de *intervenção estatal* que alavancou a economia americana depois da Grande Depressão de 1929 com o programa *New Deal* (Novo Acordo) - na gestão do presidente Franklin Delano Roosevelt (33/45) - e também obteve expressivo sucesso no esforço de guerra, encontrou suporte teórico no *Princípio da demanda efetiva*¹⁷ do economista britânico John Maynard Keynes (1883 - 1946), cuja proposta representaria, circunstancialmente, o modelo econômico liberal de *intervenção estatal* no processo produtivo americano, modelo também alinhado aos parâmetros do *Welfare State* (Estado de bem estar social) aplicados na Europa, como bem observado por [John Kenneth Galbraith](#)¹⁸: “[...] o panteão da economia americana - Alvin Harvey Hansen, Seymour E. Harris e Paul M. Samuelson - tornaram Keynes ponto pacífico no pensamento econômico americano. [...] A guerra então provocou a aplicação do remédio recomendado por Keynes a todo vapor”. Vale dizer que o perfil macroeconômico e a experiência com as crises entre os países industrializados eram tão similares, que a reconstrução do capitalismo no pós-guerra exigiria o “mesmo remédio”, o que viabilizou um acordo para

8

¹⁶ “Provavelmente o período mais explosivo foi aquele entre a enunciação formal da Doutrina Truman, em março de 1947 [...]”. HOBBSAWN, Eric J. p. 180.

¹⁷ “Num sentido mais específico, trata-se de um conceito desenvolvido por Keynes em *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e do Dinheiro* (1936) para representar as forças determinantes nas mudanças da escala de produção e do emprego tomados globalmente. Keynes atribuiu aos economistas clássicos o ponto de partida da discussão sobre os determinantes da oferta e da demanda [...]”. Conforme: SANDRONI, Paulo. *Dicionário de economia do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2016. p. 511. O economista polonês marxista Michal Kalecki chega também em conclusões similares sobre as flutuações cíclicas da demanda efetiva em razão dos períodos de superacumulação e subinvestimento da economia capitalista, exatamente como ocorreu na Grande Depressão, quando depois da Primeira Guerra o medo do consumo aumentou a tendência das famílias de canalizar o fluxo da renda para a poupança, neste caso, a oferta não gerava demanda. Insistir nos pressupostos clássicos da lei de Say seria agravar a crise, foi o que ocorreu. Kalecki era conhecido como o “Keynes socialista”. O fato de dois economistas com formações ideológicas antagônicas chegarem em conclusões tão similares, reforçaria o caráter “metodológico/científico” da economia, ou da credibilidade das “ciências econômicas”.

¹⁸ GALBRAITH, J. Kenneth. *A era da incerteza*. Trad. F. Nickelsen Pellegrini. 8. ed. S.P: Pioneira, 1986, p. 220.



unificar as regras do mercado internacional entre os países liberais sob um sistema financeiro comum, ocasião em que na Conferência Monetária e Financeira das Nações Unidas em 1944 (*Bretton Woods Agreement*) foi criado o FMI e o BIRD, oportunidade que estabeleceu um ponto de partida para que outros tratados criassem novas organizações intergovernamentais para regular o comércio, como a OIC, o GATT e a OMC¹⁹. Keynes foi um dos fundadores do FMI.

A propósito, é comum associar a Grande Depressão de 1929 com as contradições do capitalismo e aos equívocos das crenças liberais da economia clássica²⁰, no entanto, a crítica é um mero ataque ideológico quando não considera que o substrato empírico/social do modelo econômico que inspirou os teóricos daquele período se transformou radicalmente na transição do século XIX para o século XX. As crenças eram corretas, em seu tempo. O próprio John Maynard Keynes que teve toda sua formação acadêmica influenciada pela economia clássica, “Na teoria clássica [...] na qual me formei”²¹, percebe o erro de se aplicar anacronicamente as mesmas leis abstratas de um modelo teórico supostamente genérico a um cenário tão peculiar e dinâmico como o do seu tempo, afinal, a economia não é uma ciência que enquadra seu objeto com leis universais e atemporais, como querem os idealistas, mas opera com elementos sociais instáveis e, tais elementos (variáveis) convenientemente cristalizados nas expressões matemáticas da *economia positiva*²² pela condição *ceteris paribus*²³, assumiriam

9

¹⁹ FMI: Fundo Monetário Internacional (*IMF: International Monetary Fund*), BIRD: Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (*IBRD: International Bank for Reconstruction and Development*), OIC: Organização Internacional do Comércio (*OIC: International Trade Organization*), GATT: Acordo Geral de Tarifas e Comércio (*GATT: General Agreement on Tariffs and Trade*) e OMC: Organização Mundial do Comércio (*ITO: International Trade Organization*).

²⁰ Vide António José de Avelãs Nunes: “A grande Depressão veio deitar por terra os mitos liberais e pôr a nu as limitações da política monetária. Os mais otimistas passaram a defender que a política monetária poderia talvez sustentar a inflação, mas não poderia parar a depressão. NUNES, Avelãs. António José Avelãs. Neoliberalismo e direitos humanos. Rio de Janeiro: Renovar, 2003. p. 3.

²¹ KEYNES, J. M. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. Trad. de M. R. da Cruz. SP: Atlas, 1982. p.23.

²² Sobre a diferença da economia positiva e normativa: “Confundir economia positiva e economia normativa é, até certo ponto, inevitável. Quase todos consideram os temas centrais da economia como algo de importância vital e como algo que se coloca no âmbito de sua própria experiência e competência; esses temas dão origem a amplas controvérsias e são objeto de legislação frequente. [...] A economia positiva independe, em tese, de qualquer posição ética especial ou de juízos normativos. No dizer de Keynes, ela trata “do que é” e não “do que deveria ser”. FRIEDMAN, M. A Metodologia da Economia Positiva. **Edições Multiplic**, v. 1, n. 3, p. 164-200, fev. 1981 (1953). p. 2. Nesta citação, Milton Friedman se refere a John Neville Keynes, pai de John Maynard Keys. J. Neville Keynes também economista, criou os termos “economia positiva e normativa”, a diferença é próxima daquela que se faz entre direito positivo e moral.

²³ Expressão em latim usada na economia para indicar que “todo o resto permanece constante” ou “as outras coisas ficam inalteradas”. As infinitas variáveis sociais seriam insignificantes para causar efeito ou mudança na equação matemática do fenômeno principal. Vide nota de rodapé 30.



gradativamente comportamentos e valores de relação de grandeza distintos daqueles previstos no paradigma clássico. As correlações da função $y = f(x)$ entre as variáveis do conjunto da base empírica se tornaram incompatíveis com a lógica dos modelos teóricos consagrados no século XIX, como exemplo, a coexistência temporal - e “contraditória” - entre redução drástica de consumo (C↓), superacumulação (S↑), subinvestimento (I↓), oferta excedente (O↑) e deflação (P↓)²⁴, eis aí, a “equação simplificada” da Grande Depressão.

No período da crise capitalista as relações incomuns entre as propriedades destas variáveis eram demasiadamente expressivas e influentes no mundo pós WWI²⁵ e deveriam ser inevitavelmente reconsideradas e recepcionadas nas representações matemáticas da nova realidade socioeconômica, pois alteravam drasticamente não apenas o equilíbrio do *fluxo circular da renda*²⁶, mas a própria relação de coerência e proporcionalidade entre investimento (I) e poupança (S), resumidamente, o que se ofertava não se consumia, independentemente do nível dos preços, como previsto na “Lei de Say” - a oferta gera a própria demanda - um dos axiomas fundantes do modelo clássico. Sabe-se hoje que o elemento psicológico condicionante das variáveis “C” e “S”, ou ainda, as expectativas de procura por bens e serviços se alteraram na guerra e na depressão²⁷, afetando, assim, a relação da função $y = f(x)$ das mesmas variáveis do modelo anterior. Sutilezas percebidas por Keynes para reconfigurar o paradigma clássico, o que modifica inexoravelmente os parâmetros políticos de intervenção do Estado liberal na economia capitalista.

O fragmento infracitado resume a ruptura do axioma clássico²⁸:

A doutrina clássica, por outro lado, que se resumia categoricamente na proposição de que “Oferta cria a sua própria demanda” e que continua subjacente em toda a teoria econômica ortodoxa, envolve uma hipótese especial a respeito da relação existente entre estas duas funções. Isso porque a proposição “a Oferta cria a sua própria Demanda” deve significar que $f(N)$ e $\phi(N)$ são iguais para todos os valores de N , isto é, para qualquer volume de

²⁴ C = consumo; S = poupança; I = investimento, O = oferta e P = preços.

²⁵ *World War I*. “Primeira Guerra Mundial”.

²⁶ Modelo econômico simplificado que mostra como se relacionam os principais agentes econômicos; o funcionamento do fluxo real (bens e serviços) e monetário (moeda); a relação entre S, I, C, O etc.

²⁷ Em economia de guerra e em graves crises, não há consumo desnecessário pela queda de preço, deste modo, as ofertas das empresas ficam estagnadas nos estoques e se acumulam em dívidas trabalhistas e tributárias.

²⁸ Uma passagem digna de nota, pois Keynes mostra o anacronismo nas relações de função do modelo clássico. Um exemplo de *ceteris paribus* se encontra nesta citação: “[...] são iguais para todos os valores de N ”. Considera-se nesta citação: Z = preços; N = empregos, ϕ função da oferta agregada e f = função da demanda agregada. Conf. KEYNES, John Maynard. Op. Cit. p.38-39.



produção e emprego; e que, quando há um aumento em $Z(=\phi(N))$ corresponde a um aumento em N , $D(=f(N))$ aumenta na mesma quantidade que Z .

Cf. Keynes, “Esta análise nos oferece uma explicação do paradoxo da pobreza em meio à abundância [...]”²⁹ - o problema da depressão - então formula sua própria teoria de *intervenção estatal* para *estimular a demanda efetiva* (utilizando instrumentos de política fiscal, monetária e de investimentos) para *superar a crise capitalista* ainda presa na lógica setecentista smithiana do *laissez faire, laissez aller, laissez passer, Le Monde vá de lui même*³⁰, mas preservando princípios liberais (empresas livres e mercado concorrencial) à luz da mudança estrutural política, econômica e comportamental dos indivíduos, causadas pelos efeitos da WWI e da Grande Depressão de 1929, variáveis imprevistas e à margem do paradigma clássico.

Inspirado na proposta keynesiana, o capitalismo americano revisou a política de relações do Estado com o setor produtivo e ressignificou o papel e os limites do “Estado liberal não intervencionista” na economia, naturalmente, a *intervenção estatal* seria legítima na concepção *liberal/keynesiana* na medida em que estimula o pleno emprego, o consumo, a propriedade privada, a livre iniciativa, que garanta a liberdade de mercado e impulse a produção industrial em geral - modelo de *intervenção* que reabilitou a “Europa capitalista” no pós-guerra.

Sobre o problema do anacronismo do modelo clássico em relação à dinâmica da base empírica, ainda é oportuno recorrer à obra “Teoria Geral do juro, do emprego e da moeda”, uma das mais influentes da história da economia³¹, pois, desde as primeiras linhas, Keynes justifica a mudança da *sociedade econômica* da década de 1930 (de total instabilidade entre oferta e demanda no pós WWI e da Grande Depressão) em relação à anterior (situação de estabilidade e equilíbrio no séc. XIX e pré WWI), para poder abstrair metodologicamente uma nova teoria:

Argumentei que os postulados da teoria clássica se aplicam apenas a um caso especial e não ao caso geral, pois a situação que ela supõe acha-se no limite das possíveis situações de equilíbrio. Ademais, as características desse caso especial não são as da sociedade econômica em que realmente vivemos, de

²⁹ KEYNES, John Maynard. Op. Cit. p.42.

³⁰ Expressão em francês utilizada na economia como mote do liberalismo clássico para designar o autoajuste do mercado pela “mão invisível”: “Deixa fazer, deixa ir, deixa passar, o mundo vai caminhar por ele mesmo”.

³¹ “Por mais que seja criticada, a Teoria Geral exerceu e tem exercido mais influência sobre o pensamento dos economistas e dos mentores de política econômica do que qualquer outro texto em toda história do pensamento econômico”. Conforme CONTADOR, Cláudio R. A importância da teoria Geral do Emprego do Juro e da Moeda - Apresentação da edição brasileira. In.: KEYNES, John Maynard. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. Tradução de Mário R. da Cruz. São Paulo: Atlas, 1982. p.14.



modo que os ensinamentos daquela teoria seriam ilusórios e desastrosos se tentássemos aplicar as suas conclusões aos fatos da experiência”³².

A cerca da *forma de intervir*, merece lembrança também o comentário de [Milton Friedman](#), Prêmio Nobel de economia em 1976, sobre um motivo para a crise econômica avolumar-se até a Grande Depressão de 29, motivo que se mostrou recorrente em todas as crises vindouras, incluindo a recente bolha imobiliária de 2008, quando mais uma vez a má qualidade da intervenção do Estado desestabilizaria as forças internas do mercado: “*The fact is that the Great Depression, like most other periods of severe unemployment, was produced by government mismanagement rather than by any inherent instability of the private economy.* (O fato é que a Grande Depressão, igual a outros períodos de grande desemprego foi causada pela má gestão do governo e não pela instabilidade inerente à economia privada)³³.”

Deste modo, Keynes ensinou que há profundas diferenças entre *quantidade* e *qualidade* de intervenção, portanto, o *quantum* de ingerência não define o modelo de Estado, mas sim a *forma*. Um importante legado, considerando que atualmente “Estado Liberal Capitalista” não significa ser “pequeno” ou “ausente” em relação ao mercado³⁴, como Fernando Henrique Cardoso ressaltou ao analisar a economia global na década de 1990³⁵: “A questão não será mais a de “menos Estado”, como na onda neoliberal (agora talvez em declínio, após Margareth Thatcher e Ronald Reagan), e tampouco de “mais Estado” como o soviétismo stalinista, porém a de “melhor Estado”, tendo por objetivo a correção das desigualdades causadas pelo mercado”.

Há erros crônicos que os idealistas de toda ordem comumente incorrem, como modificar a realidade para que ela se adapte à teoria e aplicar ideais políticos e econômicos em paradigmas anacrônicos àqueles que foram concebidos. É um erro esperar que os pressupostos teóricos da economia clássica liberal do século XVIII respondam à realidade sociocultural transformada pela WW1; é um erro recorrer à percepção marxista do séc. XIX para apreender a complexidade do fenômeno econômico do séc. XXI; em que pesem seus preciosos legados, a compreensão da

³² KEYNES, John Maynard. Op. Cit. p.23.

³³ FRIEDMAN, Milton. **Capitalism and freedom**. 40th anniversary ed. USA: The University of Chicago Press Chicago, 2002, p .38. (tradução livre).

³⁴ Vide as leis antitruste que garantem a livre concorrência.

³⁵ CARDOSO, Fernando Henrique. A globalização sob o ponto de vista sociológico. In.: BAUMANN, Renato (org.). **O Brasil e a economia global**. Rio de Janeiro: Campus: SOBEET, 1996, p. 8.



vida e as formas de produção e circulação de riquezas são variáveis imbricadas por forças substancialmente sensíveis à dinâmica da base empírica ao longo do tempo.

Como desfecho, vale a genial lição de Sherlock Holmes, que em meio as suas notáveis investigações, foi provocado a opinar sobre um bilhete misterioso... e respondeu: “É um erro grave formular teorias antes de se conhecerem os fatos. Sem querer, começamos a distorcer os fatos para se adaptarem às teorias, em vez de formular teorias que se ajustem aos fatos”³⁶.

O Plano de recuperação da Europa foi proposto por George Catlett Marshall Jr., General e Secretário dos assuntos externos dos EUA, que, a partir de 1948 destina aportes financeiros para subsidiar a reconstrução do parque industrial e da economia dos países liberais europeus, uma ajuda que resultaria no maior crescimento econômico da história de todos os beneficiados. Para dar proteção, garantia e a paz social necessária para que o investimento americano obtivesse êxito na Europa, em 1949 foi criada a **OTAN** (Organização do Tratado do Atlântico Norte) unificando forças e estratégias militares para conservação dos países membros do plano econômico, *i.e.*, a **OTAN** surgiria como braço armado do Plano Marshall.

Liberdade (de consumo, de imprensa, de expressão, de iniciativa, de mercado), direitos fundamentais, propriedade privada, democracia (eleição periódica dos dirigentes políticos), entre outros valores do mundo ocidental, eram pressupostos da fórmula capitalista enaltecidos pela Doutrina Truman, pelo Plano Marshall e garantidos pela **OTAN**, mas vistos como uma provocação ideológica contra o comunismo, portanto, deveriam ser duramente combatidos, ponto a ponto pelo projeto político da URSS. Como resposta, Josef Stalin criou a Cominform (Коминформ - acrônimo em russo de: Escritório de Informação dos Partidos Comunistas e Operários), uma organização do governo soviético de política internacional com objetivo de uniformizar os ideais do soviétismo stalinista, centralizar o gerenciamento de suas ordens e coordenar ações entre os diversos partidos comunistas europeus.

O projeto administrativo para o bloco soviético também teria suporte econômico assistido pelo Plano Molotov (План Молотова - em 1947), criado para reconstruir os países da Europa oriental, *i.e.*, um conjunto de acordos bilaterais entre a URSS e os territórios ocupados que envolviam intercâmbio de matérias primas e financiamento para a propaganda ideológica, portanto, sem livre comércio, sem liberdade de imprensa e expressão, sem propriedade privada e sem democracia, tudo nos moldes da Economia Planificada (Плановой Экономикой) e

³⁶ Sherlock Holmes é uma personagem das ficções de Conan Doyle. *In*: CONAN DOYLE, Arthur. **Sherlock Holmes**: Um estudo em vermelho. Tradução de Louisa Ibáñez. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017. p. 35; 245.



gerenciada pelo PCUS (Коммунистическая Партия Советского Союза) - Partido Comunista da URSS, uma frontal contraofensiva cláusula a cláusula, valor a valor, do ministro das Relações Exteriores Vyacheslav Molotov ao Secretário George Catlett Marshall. A consolidação do Cominform e do Plano Molotov evoluiriam para o COMECON (СЭВ: Совет Экономической Взаимопомощи - acrônimo em russo de Conselho de Assistência Econômica Mútua), que vigorou de 1949 a 1991, deu suporte financeiro e equipamentos militares aos seus signatários, v.g, a Albânia, Bulgária, Hungria, Romênia, Cuba, Vietnã entre outros integrantes do bloco.

Curiosamente não havia uma política muito clara sobre a expansão do comunismo para além das fronteiras dos países já ocupados e daqueles espontaneamente alinhados ao socialismo, provavelmente por uma crença popularizada pela teoria marxista que o colapso do capitalismo e a sua conversão à ditadura do proletariado era uma questão de tempo³⁷, ou, pelo menos, era uma forte possibilidade teórica (crença em voga na época), segundo a qual a lógica do processo do materialismo histórico-dialético conduziria as contradições inerentes do capitalismo ao coroamento inexorável do comunismo, como também observa Eric J. Hobsbawn: “Sem dúvida Stalin, como comunista, acreditava que o capitalismo seria inevitavelmente substituído pelo comunismo, e nessa medida qualquer coexistência dos dois sistemas não seria permanente”³⁸. “Мы вас похороним!” (Nós vamos enterrar vocês!), exclamaria Nikita Khrushchov em 1956 sob a crença de que a história estava ao seu lado³⁹.

Determinados em seguir de perto a estratégia dos americanos na Europa, em 1955 os soviéticos também celebram o “Pacto de Varsóvia”, e, semelhante à OTAN como o braço armado do Plano Marshall, a nova organização militar com o reforço da bomba atômica soviética criada em 1949, daria à Stalin força para impor sua cartilha ideológica aos membros do COMECON, e, finalmente ameaçar os EUA. Empoderada pelo domínio da tecnologia atômica, a URSS desfraldou a *cortina de ferro*, a Guerra Fria está mais tensa do que nunca.

³⁷ Esperava-se que o primeiro país a se converter ao comunismo fosse a Inglaterra no XIX de Marx, pois ali o processo capitalista estava avançado. A implementação forçada do comunismo pela revolução na Rússia Czarista teria sido precoce em razão do despreparo do seu parque industrial, pois transgrediu-se uma etapa do processo do materialismo histórico-dialético que preconiza a sequência natural: capitalismo/socialismo/comunismo.

³⁸ HOBBSAWN, Eric J. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 183.

³⁹ “About the capitalist states, it doesn't depend on you whether or not we exist. If you don't like us. don't accept our invitations, and don't invite us to come to see you. Whether you like it or not. history is on our side. We will bury you”. (Sobre os estados capitalistas, não depende de vocês existirem ou não. Se vocês não gostam de nós, não aceitem nossos convites, e não nos convidem para vir vê-los. Gostem vocês ou não a história está do nosso lado. Nós vamos enterrar vocês). "We Will Bury You!" TIME Magazine, Monday, nov. 26, 1956. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070124152821/http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,867329,00.html> Acesso em: 17 jan. 2022. (trad. livre).



Ainda que o pacto coaptasse alianças militares para garantir os recursos investidos da URSS e fortalece-lo para um possível confronto com a OTAN, na prática foi utilizado apenas para policiamento ideológico, para intimidar dissidentes políticos em rebeliões locais e subjugar países insurgentes do próprio bloco, a exemplo da ofensiva que dissuadiu a Revolução Húngara de 1956, um levante contra a ditadura comunista que foi debelado pelos tanques do Exército Vermelho e que ainda deixaram como recado um genocídio de civis na capital Budapeste, bem como a Primavera de Praga em 1968 - Capital da antiga Tchecoslováquia (atual República Tcheca) - quando uma manifestação pacífica liderada por intelectuais que reivindicavam reformas políticas enaltecendo valores como a democracia e liberdade de imprensa - “valores ocidentais” - teve como resposta uma invasão das forças da coalisão do Pacto de Varsóvia, resultando também em algumas dezenas de mortes de civis e a saída em massa dos tchecos para refúgio em países vizinhos. Historicamente as forças da coalisão se resumiram em policiar e manter os próprios países aliados dentro do bloco sob a ditadura do PCUS, debelando rebeliões, impedindo a população sair de seus territórios e eliminando dissidentes políticos.

A OTAN investiu massivamente em tecnologia e em equipamentos de defesa a distância, não se preocupando tanto na ocupação direta com efetivos militares no solo europeu, pois isto absorveria capital irreversível. O Pacto de Varsóvia, ao contrário, procurou demonstrar superioridade utilizando a mesma estratégia com que a URSS subjuguou a *Wehrmach*, ou seja, ocupando fisicamente a Europa com enorme contingente militar e equipamentos pesados, reforçados pelas tropas coligadas. O distanciamento estratégico da OTAN possibilitado pela tecnologia impediu que houvesse confronto direto entre as duas organizações militares, e, de fato, nunca houve na prática enfrentamento além dos bastidores políticos da Guerra Fria.

Nas décadas seguintes, sob as lideranças de Dwight Eisenhower (1953/61), J.F. Kenedy (1961/63) e Lyndon Johnson (1963/69), os EUA instituíram novas políticas internas de fomento à economia capitalista tornando a Guerra Fria mais um mercado para estimular a competição, a criatividade e a inovação tecnológica entre as empresas privadas, resultando em aumento da atividade econômica e da circulação da riqueza, em contraste, a URSS, como bem lembrou [Kishore Mahbubani](#), pressionava a exaustão um sistema econômico voltado apenas para a subsistência e manutenção básica da vida local, para que atendesse também os fins ideológicos



de uma escalada militar global: “Os Estados Unidos mantiveram sua economia dinâmica e forte enquanto a economia estática da União Soviética drenou seus recursos em despesas militares”⁴⁰.

Embora nunca houvesse confronto entre a OTAN e o Pacto de Varsóvia, as tensões ideológicas entre as superpotências fizeram, sobretudo na Coreia, Vietnã, Laos e Camboja, seus reais campos de batalha, e, como foram pela primeira vez transmitidas pela imprensa livre nos EUA, as imagens da barbárie e desperdício de recursos desgastariam o governo americano perante a opinião pública doméstica e internacional, colocariam em questão a manutenção da Guerra Fria e dos confrontos ideológicos. Com estas repercussões, os EUA adotaram novas estratégias políticas para restaurar a credibilidade popular e o diálogo com a comunidade internacional. Como bem destacou Kishore Mahbubani sobre a estratégia americana: “[...] depois de se retirarem da Guerra do Vietnã, permaneceram fora de envolvimento direto em conflitos militares de larga escala”⁴¹, por outro lado: “A União Soviética se comportava de forma unilateral, ignorando a opinião internacional enquanto os Estados Unidos agiam de forma multilateral, arregimentando a opinião global para o seu lado”⁴².

Neste contexto, liderada pelos Secretários do Partido Comunista Soviético Nikita Khrushchov (Никита Сергеевич Хрущёв -1953/64) e depois Leonid Ilitch Brejnev (Леонид Ильич Брежнев -1964/82), a URSS concentrando suas decisões no poder central dispensava justificar-se à mídia, ao próprio povo e à comunidade internacional. Embora adotando uma política de desestalinização e um discurso de possível coexistência pacífica com o ocidente, em geral o governo soviético marcou o período ocupando territórios economicamente frágeis com efetivos militares (a exemplo do Afeganistão) e financiando revoluções armadas em pequenos países, ocasião em que instalou uma base de mísseis nucleares em Cuba. A sua detecção por satélites americanos elevaria a Guerra Fria ao clímax, o momento mais tenso, conhecido como a “Crise dos Mísseis de 1962”, colocou o mundo num iminente conflito nuclear. O ato provocativo da URSS foi respondido pelos EUA com o bloqueio naval da ilha caribenha e um ultimato do presidente John F. Kennedy para o total e imediato desmonte da instalação soviética. Khrushchov cedeu à pressão americana e sob a supervisão da ONU a base foi retirada.

Contudo, como já acenado, o modelo econômico de centralização da propriedade dos meios de produção pela Gosplan (Госплан), o comitê estatal de planejamento econômico do

⁴⁰ MAHBUBANI, Kishore. **A China venceu? O desafio chinês à supremacia americana**. Tradução de Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021, p. 121.

⁴¹ MAHBUBANI, Kishore. Loc. Cit.

⁴² MAHBUBANI, Kishore. Loc. Cit.



governo Soviético, não foi suficiente para responder as necessidades da manutenção da máquina de guerra expansionista que incluíam altos custos da ocupação militar (física) e de uma corrida espacial que drenavam os recursos mais básicos da população. Uma guerra demasiadamente onerosa para uma economia que criminalizava a propriedade privada, o mercado, a livre iniciativa e o acúmulo de capital. A base produtiva planejada para responder pouco mais do que a subsistência material da força de trabalho era totalmente incompatível com os gastos excedentes para a expansão dos ideais revolucionários promovidos pelo Estado Soviético. Pressionada pela força ditatorial do governo central, a economia se arrastou até o colapso total na década de 80 em meio a uma grave crise política e pobreza generalizada.

Nos anos 80 a URSS experimentaria, então, o “período de estagnação” - o “Период Застоя” - uma crise econômica que a forçou diminuir drasticamente os recursos destinados ao aparelhamento militar, a retroceder nas ocupações e no financiamento das revoluções armadas pelo mundo, um incomodo impacto para os ditadores remanescentes nas pequenas nações que foram subsidiadas pelo antigo regime, um impacto também para ideólogos radicais que curiosamente ainda encontram ressonância no ambiente acadêmico para o discurso em defesa do comunismo, ambos andam trôpegos pelos últimos redutos do autoritarismo.

17

O poder monolítico ditatorial da URSS e as contradições do modelo econômico que deram regalias aos próceres do partido comunista e para a população a subserviência e a pobreza, foram revisadas pela Glasnost (Гласность), a “transparência das atividades do governo” - prenúncio à liberdade do povo russo - associada a Perestroika (Перестройка - reconstrução econômica) de Mikhail Sergeevitch Gorbachov (Михаил Сергеевич Горбачёв - 1990/91), que juntas formaram um conjunto de instrumentos políticos e econômicos que realocaram os recursos destinados à Guerra Fria para fomentar o mercado interno e responder as necessidades básicas da população desde há muito esquecidas.

O recuo militar colocou fim ao Pacto de Varsóvia em 01/07/1991, o fim da disputa pela hegemonia militar global e da bipolarização da Guerra Fria, intensificou o estreitamento cultural entre as nações (abertura para a globalização) e eliminou circunstancialmente os últimos entraves ideológicos para a liberdade política, de expressão e de mercado das quinze repúblicas autônomas que compunham o antigo regime, bem como da nova Federação Russa (Российская Федерация), que ainda permanece com o mais extenso território do mundo. Com a vitória dos EUA na Guerra Fria, os anos 90 estavam de portas abertas para que o *american way of life* e o pacote ideológico liberal pudessem seduzir e conquistar o mundo.



A *débâcle* da ditadura comunista foi anunciada por Francis Fukuyama como o “fim da história”, um desfecho decorrente de um longo processo histórico envolvendo forças socialmente imbricadas e supostamente previsíveis. Aludindo à teoria hegeliana⁴³, o filósofo e economista político americano se notabilizou declarando que o evento era um prenúncio otimista do devir contemporâneo, pois as leis da história estavam se materializando nos valores preconizados pelo Estado liberal: *“Indeed, the growth of liberal democracy, together with its companion, economic liberalism, has been the most remarkable macropolitical phenomenon of the last four hundred Years”*. (Na verdade, o crescimento da democracia liberal, junto com seu companheiro, o liberalismo econômico, tem sido o fenômeno macropolítico mais marcante dos últimos quatrocentos anos)⁴⁴. Ao contrário da previsão do materialismo histórico-dialético, a história enterrou o que, infelizmente, Nikita Khrushchov não pôde testemunhar.

De fato, o recuo da ocupação militar soviética nas décadas de 80/90 permitiu que as forças de expansão econômica americanas ampliassem um terreno fértil para disseminar ideias democráticas/liberais na Europa, simbolicamente resumidas na reunificação da Alemanha em 1989, quando a queda do muro de Berlim foi comemorada pelo mundo como símbolo do fim da opressão comunista na Europa e da derrocada da União Soviética. A tensão bélica entre as nações foi substituída pela concorrência no mercado aberto, período em que os EUA reinaram “sem competidores” no comércio internacional, e no lugar do “líder político” surge o Chief Executive Officer (CEO) das grandes corporações transnacionais, tendência que se verificaria de forma inusitada até mesmo na China comunista, pois avaliando os acontecimentos da Guerra Fria e a sua própria experiência histórica, concluiu que a economia de mercado é a única forma sustentável para a produção de riqueza a longo prazo e em larga escala. Foi neste contexto que o então líder supremo da China, Deng Xiaoping (鄧小平), ao ser questionado numa entrevista se a abertura econômica que ele estava implementado não feriria os ideais marxistas do Partido Comunista chinês, respondeu com a célebre frase: “Não importa a cor do gato, desde que ele cace o rato”, em outras palavras, disse o “Arquiteto da Reforma” que modernizou a China: “Não importa o modelo econômico, desde que ele acabe com a miséria”. Frase que marcou historicamente a ruptura ideológica entre política e economia.

⁴³ *“This understanding of History was most closely associated with the great German philosopher G. W. F. Hegel”*. (Este entendimento da história está muito associado com o grande filósofo alemão G. W. F. Hegel). FUKUYAMA, Francis. **The end of history and the last man**. Nova York: The Free Press. 1992, p. xii. (trad.livre).

⁴⁴ FUKUYAMA, Francis. **The end of history and the last man**. N.Y: The Free Press. 1992, p. 48. (trad. livre).



Diante de todos estes eventos, [Francis Fukuyama](#), o conhecido porta voz do liberalismo americano, conclui o século XX com o seguinte pensamento: “*Communism is being superseded by liberal democracy in our time because of the realization that the former provides a gravely defective form of recognition*”. (O comunismo está sendo substituído pela democracia liberal em nosso tempo devido à compreensão de que o primeiro fornece uma forma de reconhecimento gravemente defeituosa)⁴⁵.

A despeito das previsões de [Francis Fukuyama](#) terem sido concretizadas ao longo da década de 1990, ironicamente a transição para o século XXI rompeu com a crença de que “abertura econômica” e “democracia liberal” pertencem necessariamente ao mesmo pacote ideológico, pois apostando na inusitada combinação entre “capitalismo no mercado” e “socialismo na política”, como uma síntese das forças antagônicas da Guerra Fria, a China aplica a equação, prospera economicamente e estende o “fim da história” em mais um capítulo.

CHINA NO SÉCULO XX: BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRICA

Depois de quase três séculos governando a China, a última dinastia imperialista, a Dinastia Qing (清朝), termina em 1912 quando o então imperador Huang Di Xuanton (宣统皇帝) é forçado a abdicar. O estadista republicano Sun Yat-sem (逸仙), organizador de vários movimentos políticos anti-imperialistas, morava nos EUA quando a *Tongmenghui* (同盟會), a “Liga Unida chinesa” que ele criou, desencadeou em 1911 uma rebelião militar em *Wuchang* (hoje distrito da cidade de Wuhan - 武漢) levantando a bandeira revolucionária para restaurar a China da corrupção e da má administração da minoria étnica imperialista Manchu (滿族), a qual pertencia Xuanton. Neste contexto, Sun Yat-sem retorna dos EUA para integrar-se à revolução *Xinhai* (辛亥革命) - a Primeira Revolução Chinesa - que foi iniciada pelo levante de *Wuchang* mas agora ganhava corpo se alastrando pelas províncias do Sul. Em poucos meses a revolução *Xinhai* foi declarada vitoriosa e Xuanton deposto, e, em 01 de janeiro de 1912, Sun Yat-sem representando seu partido político *Kuomintang* (中國國民黨) se torna o primeiro presidente da nova República da China. O seu partido vigorou no território continental entre 1912 e 1949 e coexistiu com o PCC, o Partido Comunista chinês (中國共產黨) fundado em 1921 pelo também anti-imperialista “Movimento Quatro de Maio” de 1919 (五四運動). Com traços nacionalistas e

⁴⁵ FUKUYAMA, Francis. Op. Cit. p. xix.



socialistas, o *Kuomintang* foi apoiado pelo *Komintern* (Коммунистичекий Интернациона), a Internacional Comunista fundada em 1919 por Lênin, Vladimir Ilyich Ulianov (Владимир Ильич Лѐнин -1870/1924). Não obstante a simpatia dos revolucionários bolcheviques (большевик) pelos anti-imperialistas chineses, o *Kuomintang* depois de uma série de disputas e rupturas internas que incluíram uma tentativa de restauração do império, em 1926 sob a liderança de Chiang Kai-shek (蔣介石蔣中正), substituto de Sun Yat-sem, reforça seu caráter *nacionalista* e resiste a influência e a interferência soviética na administração da China. Kai-shek opõe-se a instalação do comunismo, um posicionamento que causaria uma revolta entre os membros do PCC chinês e o rompimento da aliança partidária entre nacionalistas e comunistas - estas diferenças levariam a recém-criada República ao incidente de 12 de abril de 1927, divulgado pelo PCC como o “Massacre de Xangai” ou o “Golpe Contrarrevolucionário de 12 de abril” (四一二反革命政变)” e pelo *Kuomintang* como “A purificação do Partido (清党)”. O incidente desencadeou uma série de conflitos entre nacionalistas e comunistas durante os anos de 1927 e 1949 conhecidos como a Guerra Civil Chinesa (中國內戰). Inicialmente os comunistas foram expulsos das zonas urbanas e perseguidos pelo então presidente da China, Chiang Kai-shek. Na fuga destacou-se Mao Tsé-tung (毛澤東), o líder do PCC que conduziu seus correligionários na Grande Marcha (长征), uma longa caminhada pelo interior rural que oportunizou entre os militares do exército vermelho a reorganização das estratégias de guerra, a unificação da identidade dos ideais revolucionários marxistas e a cooptação da maioria camponesa ao longo do caminho. Com a reestruturação do exército de Mao e após uma rápida trégua durante a WWII, uma reviravolta levou-o a sucessivos avanços contra as forças de Kai-shek então fragilizadas pelas pesadas baixas que sofreram no front de batalha aberto contra o Japão entre 1937 e 1945. Drasticamente reduzidos, os nacionalistas cercados pela coluna maoísta recuaram para *Taiwan* (Ilha Formosa - 台灣/臺灣), um pequeno território insular no sudoeste asiático que oficialmente ainda se mantém como República da China, um país apoiado pelos EUA considerando seu perfil político/econômico como democrático-liberal/capitalista⁴⁶.

20

⁴⁶ Os EUA contribuíram com Sun Yat-sem e com a causa republicana desde o início da revolução. Vide também o preâmbulo da R.P. China: “A Revolução de 1911, conduzida pelo Dr. Sun Yat-sen aboliu a monarquia feudal e fez surgir a República da China. Mas o povo chinês teve ainda de cumprir a sua histórica tarefa de derrotar o imperialismo e o feudalismo”. In.: [CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA](#).



No território continental, o líder do PCC e vencedor da Guerra Civil, Mao Tsé-tung, proclama na Praça da Paz Celestial em 1.º de outubro de 1949 a República Popular da China⁴⁷.

Mao teve o apoio da URSS, incluindo ajuda financeira para dar suporte à logística de disseminação da causa comunista, mas era uma relação que se fragilizaria com a morte de Stalin em 1953 e com a política revisionista de desestalinização de Nikita Khrushchov. As medidas que denunciavam o culto à personalidade promovido por Stalin e que sugeriam um discurso de possível coexistência pacífica com o Ocidente, foram interpretados por Mao Tsé, o “Salvador da Nação”, como um insulto à sua própria personalidade, uma afronta à revolução marxista e ao projeto de aniquilação violenta do capitalismo americano pela união internacional entre os comunistas. Posteriormente, atos soviéticos como não compartilhar tecnologia nuclear e adotar um diálogo de aproximação com a Índia na guerra sino-indiana na fronteira de Arunachal Pradexe (अरुणाचल प्रदेश) em 1962, foram decisivos para Mao afastar-se de Khrushchov (53/64) e em seguida opor-se radicalmente à política de Brejnev (64/82), tornando a URSS uma nova inimiga da China. Um movimento social liderado por Mao que pode ser considerado como a declaração da autonomia do comunismo chinês e do rompimento definitivo com a URSS, foi a Grande Revolução Cultural (無產階級文化大革命) em 1966, pouco depois as diferenças entre os países tiveram como clímax a Guerra sino-soviética de 1969. Em que pese os americanos sempre adotarem uma política de neutralidade nas questões entre URSS e China, neste episódio o presidente Richard Milhous Nixon (69/74) declarou que se houvesse uma guerra generalizada entre ambos, os EUA apoiariam a China, considerando que, em plena Guerra Fria, ela seria um contrapeso ao domínio do poder soviético na região asiática. A declaração encerrou o conflito.

Com a morte de Mao em 1976, assumiria seu sucessor no PCC, Hua Guofeng (华国锋), que deu início a uma tímida reforma na Revolução Cultural, mas não a suficiente para que a China pudesse sinalizar alguma recuperação do legado de miséria deixado pelo “grande movimento proletário”. Guofeng foi substituído em 1978 por Deng Xiaoping (鄧小平), um político expoente do PCC com uma trajetória complexa de idas e vindas ao poder. Por flertar com o capitalismo e supostamente ter um contato com o *Kuomintang* de Taiwan, Xiaoping sofreu perseguições de correligionários do partido, espancamento dele e da família que deixou

⁴⁷ Importante lembrar que segundo a [Resolução 2758](#) da Assembleia das [Nações Unidas](#), a República Popular da China, e não a “República da China” (Taiwan), é a única representante legítima da China perante a [ONU](#). RESOLUÇÃO 2758 (XXVI) da Assembleia Geral das Nações Unidas. Disponível em: [https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/2758\(XXVI\)#Resolution](https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/2758(XXVI)#Resolution) Acesso em: 24 jan. 2022.



o filho paraplégico⁴⁸ e ainda uma prisão pela guarda vermelha. No final da década de 70, na ausência dos maoístas radicais no poder, Xiaoping foi redimido dos seus “crimes”, ascende ao cargo de líder da China em 78 e inicia o programa *Boluan Fanzheng* (撥亂反正), a primeira etapa de um conjunto de reformas sociopolíticas para reabilitar o país do desastre da revolução. O plano de transição viabilizou a Reforma e Abertura (改革开放), um dos programas econômicos mais bem sucedidos da história considerando as proporções e a velocidade dos seus resultados. Apesar de importar do ocidente “valores liberais” para as relações de mercado, Xiaoping preserva antigos métodos de persuasão política do PCC, e, em 4 de junho de 1989, ordena o massacre de estudantes na Praça da Paz Celestial⁴⁹ quando protestavam pela liberdade de imprensa, pela liberdade de expressão, pela democracia e contra a corrupção, reivindicando, portanto, que as reformas liberais fossem implementadas não apenas no campo econômico, mas também no político e no social. A repercussão internacional negativa do massacre fez com que ele renunciasse meses depois. Deng Xiaoping morre em 1997. Na sequência, assumem os Líderes Supremos da China: Jiang Zemin (江澤民) (89/04), Hu Jintao (胡錦濤) (04/12) e Xi Jinping (習近平), de 2012 até hoje (2023). Importante destacar que entre “Líderes Supremos da República Popular da China” e “Presidentes da China” há diferenças de atribuições administrativas e políticas cuja explicação é incompatível com a proposta e o espaço deste artigo.

22

CHINA: ASCENSÃO ECONÔMICA

“Deixem a China dormir porque, quando ela acordar, o mundo vai estremecer”

Napoleão Bonaparte.

A história milenar da China remonta uma sucessão incontável de períodos de guerra e paz, de crise e prosperidade, e, ainda enfrentando suas maiores dificuldades, sempre ocupou lugar de prestígio e respeito no cenário internacional. Muitas civilizações importantes floresceram pelas rotas de comércio que desbravou, a China, entre tantos talentos, sempre será

⁴⁸ “Deng Pufang had been under such constant torment from the Red Guards that he fell from a high window and broke his spine”. “Deng Pufang sob o tormento constante dos Guardas Vermelhos caiu do alto de uma janela e quebrou sua coluna”. (Trad. livre). VOGEL, Ezra, F. **Deng Xiaoping and the transformation of China**. Cambridge, MA, and London, The Belknap Press of Harvard University Press, 2011. p. 53.

⁴⁹ Algumas estimativas chegam a 10 mil mortos e mais 10 mil feridos e incontáveis prisões.



lembrada pela grandeza do seu território, pela riqueza cultural do seu povo e pela vanguarda tecnológica que legou à humanidade⁵⁰.

Diante de suas experiências históricas, algumas já descritas na breve retrospectiva *ut supra*, conclui-se pela necessidade de um recorte metodológico mais preciso para que a expressão “ascensão econômica” faça sentido, ao considerar, que, na trajetória milenar do grande “Império do meio”⁵¹, por séculos despontou como o mais rico e poderoso do mundo. Trata-se de uma consideração importante, pois acrescentaria ao significado e aos propósitos da “ascensão econômica”, além da imediata necessidade de superar a miséria, também o resgate do “sinocentrismo”, *i.e.*, há um esforço para reposicionar-se no centro cultural, político e econômico do mundo, lugar que tradicionalmente a China sempre ocupou⁵².

Ainda que a sua história guarde semelhanças com a antiga URSS, como o modelo político/econômico que levou ambos ao caos e à pobreza, vale anotar que, aparentemente, o resgate do sinocentrismo caminha diferente do projeto de expansão ideológica adotado pelos soviéticos, considerando que, além de importar elementos capitalistas ocidentais na reconstrução da sua economia, uma atuação mais ampla no comércio internacional exigirá o cumprimento de protocolos de adesão impostos pela OMC⁵³ relacionados à direitos humanos. A China também entendeu que fortalecer-se internamente já lhe confere a grandeza necessária perante o mundo, vale o destaque de Bert Hofman, diretor do *World Bank to China*⁵⁴: “*China’s gradual, experimental way to reform its economic system, especially in the early days, was in sharp contrast to the reforms in Eastern Europe and the Former Soviet Union*”. (A maneira gradual e experimental da China de reformar seu sistema econômico, especialmente em nos primeiros dias, estava em nítido contraste com as reformas na Europa Oriental e no antigo União

23

⁵⁰ Vide [Constituição](#)⁵⁰: “A China é um dos países do Mundo com mais longa história. O povo das diferentes nacionalidades da China criou conjuntamente uma esplêndida cultura e tem uma gloriosa tradição revolucionária”.

⁵¹ China (中國) significa “O Império Central”. É curioso notar que diferente do mapa-múndi eurocentrista ocidental, em que a Europa aparece no centro, nos desenhos dos mapas chineses é a China quem aparece no “meio”. Basta uma rápida consulta sobre “mapa-múndi” em chinês no google imagens: [世界地圖](#).

⁵² Talvez este seja um ponto ignorado por alguns analistas do ocidente ao criticarem o empoderamento chinês: “não considerar que pela perspectiva da China, historicamente seu lugar sempre foi no centro do mundo”.

⁵³ “Os compromissos chineses envolviam: o fim da discriminação de bens e serviços de outros membros da OMC; a revisão da legislação comercial chinesa para que estivesse de acordo com as regras da Organização; o fim dos subsídios a produtos agrícolas e à exportação; a ampliação do acesso a mercado; e a aplicação do Acordo sobre Direitos de Propriedade Intelectual Relacionados ao Comércio”. BRICS Policy Center. Disponível em: <https://bricspolicycenter.org/download/8212/>. Acesso em: 05 fev. 2022. p. 7.

⁵⁴ HOFMAN, Bert. **Reflections on forty years of China’s reforms**. 2018. Disponível em: <https://thedocs.worldbank.org/en/doc/934911517472447837-0070022018/original/Reflectionson40yearsofreforfinal.pdf> Acesso em: 06 jan. 2022. p. 2. (trad. livre).



Soviética). Contudo, as recentes transformações econômicas que surpreenderam pela rapidez e proporções dos resultados - objeto da análise em tela sob o ponto de vista dos marcos históricos - serão entendidas somente levando em conta que o país, terceiro em extensão territorial e o mais populoso do mundo, sofria de estagnação e pobreza generalizada, e, tanto seu declínio quanto sua ascensão foram artificialmente produzidos pela administração pública. Ressalta-se que um fenômeno econômico tão expressivo não ocorreria em um país pequeno ou socialmente saudável, seu progresso no século XX e XXI possui, entre muitas peculiaridades, como o potencial geográfico e populacional, dois parâmetros políticos/econômicos cronologicamente definidos: De um lado, o programa “Grande Salto Adiante (大躍進)” implementado por Mao Tsé-tung no final da década de 1950, de outro lado, a “Reforma e Abertura (改革开放)” iniciada por Deng Xiaoping no final da década de 1970.

Inspirado pela ditadura stalinista e nos preceitos econômicos preconizados pelo comunismo, Mao implementa seu programa econômico em 1958, e, em apenas 3 anos, morrem aproximadamente 55 milhões de chineses de fome⁵⁵, um desastre humanitário sem precedentes, como anota Cormac Ó Grada, Professor Emérito de História da Economia da University College Dublin: “[...] *it witnessed in China in 1959-61 what probably was, in terms of excess mortality, the greatest famine in history*”. ([...] testemunhou-se na China em 1959-61 o que provavelmente foi, em termos de excesso de mortalidade, a maior fome na história)⁵⁶, acrescenta-se à tragédia da fome impingida pelo Estado, que a ditadura maoísta ainda foi responsável por outra catástrofe, como também registra o historiador Frank Dikötter, Prof. Pres. de Ciências Humanas da Universidade de Hong Kong⁵⁷: “[...] *victims were tortured to death or summarily killed - amounting to at least 2.5 million people*”. ([...] vítimas foram torturadas até a morte ou sumariamente mortas, pelo menos 2,5 milhões de pessoas). Velhos, doentes e os fracos que não podiam trabalhar pelo próprio sustento ou para a causa maoísta eram privados de comer⁵⁸, o programa considerava “guardar comida” ou “desviá-la da causa ideológica” atos

24

⁵⁵ Os números conservadores não alteram a tragédia de dezenas de milhões. Vide: Yu Xiguang. The great leap forward. (Contribuição da Boxun em 07 de maio de 2008). Disponível em: <https://news.boxun.com/news/gb/pubvp/2008/05/200805072050.shtml>. Acesso em: 09 jan. 2022.

⁵⁶ GRADA, Cormac Ó. Making Famine History. *Journal of Economic Literature*, v. XLV, mar. 2007. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2764326 Acesso em: 31 jan. 2022, p. 5. (trad. livre).

⁵⁷ DIKÖTTER, Frank. **Mao's Great famine: the history of China's most devastating catastrophe, 1958-62**. New York: Walter & Co, 2010, p. 8.

⁵⁸ DIKÖTTER, Frank. Loc. Cit.



contrarrevolucionários punidos com tortura e a morte⁵⁹. A propósito, a desnutrição afetou os índices de crescimento vegetativo de tal forma, que, ironicamente para a maior população do mundo, houve preocupação acerca das condições de continuidade do povo chinês. Cenário resumido por Bert Hofman⁶⁰: “*At the onset of reforms, China was among the poorest nations on earth and a predominantly rural, agricultural country. [...] marred by the failure of the Great Leap Forward and the political disruptions during the Great Proletarian Cultural Revolution*”. (No início das reformas, a China estava entre as nações mais pobres do planeta e um país predominantemente rural e agrícola. [...] prejudicado pelo fracasso do Grande Salto à Frente e as rupturas políticas durante a Grande Revolução Cultural Proletária).

Embora a China formalmente ainda reverencie o “Salvador da Nação”⁶¹ e adote como forma de governo a ditadura socialista, v.g., o preâmbulo da atual **Constituição**: “[...] sob a direção do Partido Comunista da China e guiados pelo marxismo-leninismo e o pensamento de Mao Zedong [...] continuará a aderir à ditadura democrático-popular e a seguir a via socialista [...]”, bem como no seu Artigo 1.º “A República Popular da China é um Estado socialista subordinado à ditadura democrático-popular [...]”⁶², foi somente com a morte de Mao em 1976 que termina a R. Cultural de 66 e surge a chance de adotar novas políticas, ao menos no âmbito econômico, para iniciar o processo de recuperação, pois, vivendo em meio ao caos e miséria, a China ainda testemunhava de perto seu antigo inimigo, o Japão, sob o regime capitalista ressurgindo dos escombros da WWII para alcançar em menos de três décadas o status de segunda maior economia do mundo, cf. Eric Hobsbawn: “Um país socialista na década de 1970 preocupava-se particularmente com seu relativo atraso econômico, quando nada porque o vizinho, o Japão, era o mais espetacularmente bem-sucedido dos Estados capitalistas”⁶³.

25

⁵⁹ Vide capítulo IV “*To Conquer China*” In.: HALLIDAY, Jon, CHANG, Jung. **Mao: The Unknown Story**. New York: Knopf Publishing Group, 2005.

⁶⁰ HOFMAN, Bert. Loc. Cit. p. 2.

⁶¹ Há muitos tabus na atualidade que impedem discutir livremente o desastre humanitário, a propósito, há mais estátuas e homenagens para os ditadores do que responsabilidades. O culto à personalidade ainda faz parte da cultura, na **CONSTITUIÇÃO DA CHINA**, v.g. há “Quatro princípios cardiais (四项基本原则)” inalteráveis e que não poderão ser debatidos: 1) defender o caminho socialista; 2) defender a ditadura democrática do povo; 3) defender a liderança do Partido Comunista da China e, 4) defender o pensamento de Mao Tse-tung e o marxismo-leninismo.

⁶² “*Thus, despite the political risks of economic decentralization, the Chinese Party-state presents us with the case of an enduring authoritarian regime that has thrived rather than decayed in the era of decentralization*”. “Assim, apesar dos riscos políticos da descentralização econômica, o Estado-Partido chinês nos apresenta o caso de um regime autoritário duradouro regime que prosperou em vez de decair na era da descentralização”. LANDRY, Pierre F. **Decentralized Authoritarianism in China: The Communist Party’s Control of Local Elites in the Post-Mao Era**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 15.

⁶³ HOBBSAWN, Eric J. Op. Cit. p. 335.



Em 1978 Deng Xiaoping, o então Líder Supremo da China, propõe o programa *Boluan Fanzheng*, em chinês “撥亂反正” significa “eliminar o caos”⁶⁴. Trata-se de um programa de transição socioeconômica (Abertura e Reforma) que redirecionou a atividade primordial do Estado de patrulhamento e perseguição ideológica da R. Cultural, para, enfim, recuperar a China do atraso. Entre as medidas, a reabertura de escolas e universidades há 10 anos fechadas por Mao, permitindo o retorno de milhões de estudantes das zonas rurais. Os investimentos prioritários deveriam ser em: 1) ciência e educação; 2) agricultura; 3) indústria e, 4) defesa. As “Quatro modernizações” (四个现代化)⁶⁵. No campo jurídico destaca-se a reabilitação e a libertação de “criminosos”⁶⁶ injustiçados pelos radicais.

Consolidado o programa *Boluan Fanzheng*, inicia-se a “Abertura e Reforma” ainda em 1978, tendo como pilares a abertura do mercado interno para investimentos estrangeiros, exportações, infraestrutura para interligar os principais polos econômicos internos e o fomento na educação para oferecer ao mundo não apenas produtos manufaturados, mas inovação científica e tecnológica. De acordo com o BIRD⁶⁷: *Since China began to open up and reform its economy in 1978, GDP growth has averaged almost 10 percent a year, and more than 800 million people have been lifted out of poverty.*” (Desde que a China começou a abrir e reformar sua economia em 1978, o crescimento do PIB foi em média de quase 10% ao ano, e mais de 800 milhões de pessoas foram tiradas da pobreza).

No final do século XX com a sua infraestrutura organizada e o fim da Guerra Fria, a China e o comércio internacional estavam livres dos entraves ideológicos para, enfim, beneficiarem-se mutuamente.

Sic semper tyrannis

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **A política externa norte-americana e seus teóricos**. Trad. G. Kormikiaris. São Paulo: Boitempo, 2015.

⁶⁴ Conforme o verbete “*Boluan Fanzheng*” no glossário de VOGEL, Ezra, F. **Deng Xiaoping Book/Glossary**. Disponível em.: <https://scholar.harvard.edu/ezravogel/pages/deng-xiaoping-book>. Acesso em: 02 fev. 2022.

⁶⁵ Como descrito no preâmbulo da **Constituição**: “[...] trabalhar, arduamente e com toda a independência, para a modernização da indústria, da agricultura, da defesa nacional, da ciência e da tecnologia”.

⁶⁶ Um caso notável entre estes é de Xi Zhongxun (习仲勋), pai do atual presidente Xi Jinping, que, mesmo tendo sido presidente do PCC depois de Mao, foi preso por longo período por especulações de natureza ideológica.

⁶⁷ BIRD. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/country/china/overview#1>. Acesso em: 06 jan. 2022.



ANDERSON, Perry. **Duas revoluções: Rússia e China** - com textos de Wang Chaohua, Luiz Gonzaga Belluzzo, Rosana Pinheiro Machado. Trad. de Hugo Mader e Pedro Davoglio. São Paulo: Boitempo, 2018.

BIRD. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/country/china/overview#1> Acesso em: 06 jan. 2022.

BRICS Policy Center. **O processo de adesão da China e da Rússia à OMC e as implicações para a agenda dos BRICS**. 2012. Disponível em: <https://bricspolicycenter.org/download/8212/>. Acesso em: 05 fev. 2022.

CARDOSO, Fernando Henrique. A globalização sob o ponto de vista sociológico. *In.*: BAUMANN, Renato (org.). **O Brasil e a economia global**. Rio de Janeiro: Campus: SOBEET, 1996.

CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2021-08/A-Carta-das-Nacoes-Unidas.pdf> Acesso em: 14 dez. 2021.

CONAN DOYLE, Arthur. **Sherlock Holmes: Um estudo em vermelho**. Trad. de Louisa Ibáñez. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_constituicao_chinesa_1982.pdf Acesso em: 03 fev. 2022.

27

DIKÖTTER, Frank. **Mao's Great famine: the history of China's most devastating catastrophe, 1958-62**. New York: Walter & Co, 2010.

EMBAIXADA DA UCRÂNIA NO BRASIL. Disponível em: <https://brazil.mfa.gov.ua/pt/news/lei-da-ucrania-condenacao-de-regimes-totalitarios-comunistas-e-nacional-socialistas-nazistas-na-ucrania-e-proibicao-da-propaganda-de-seus-simbolos> Acesso em: 19 jan. 2022.

FRIEDMAN, Milton. A Metodologia da Economia Positiva. **Edições Multiplic**, v. 1, n. 3, p. 164-200, fev. 1981 (1953).

FRIEDMAN, Milton. **Capitalism and freedom**. 40th anniversary ed. USA: The University of Chicago Press Chicago, 2002.

FUKUYAMA, Francis. **The end of history and the last man**. Nova York: The Free Press. 1992.

GALBRAITH, J. Kenneth. **A era da incerteza**. Trad. F. Pellegrini. 8. ed. São Paulo: Pioneira, 1986.



GRADA, Cormac Ó. Making Famine History. **Journal of Economic Literature**, v. XLV, p. 5-38, mar. 2007. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2764326 Acesso em: 31 jan. 2022.

HALLIDAY, Jon; CHANG, Jung. **Mao: The Unknown Story**. New York: Knopf P. Group, 2005.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. Tradução de Alex Marins. p. 70. São Paulo: Editora Martin Claret 2007.

HOBBSBAWN, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOFMAN, Bert. **Reflections on forty years of China's reforms**. 2018. Disponível em: <https://thedocs.worldbank.org/en/doc/934911517472447837-0070022018/original/Reflectionson40yearsofreformfinal.pdf> . Acesso em: 06 jan. 2022.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

HORATIVIS, Q. **Flaccvs**. Opera. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 2008.

KEYNES, John Maynard. **Teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. Trad. de Mário R. da Cruz. São Paulo: Atlas, 1982.

LANDRY, Pierre F. **Decentralized Authoritarianism in China: The Communist Party's Control of Local Elites in the Post-Mao Era**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

MAHBUBANI, Kishore. **A China venceu? O desafio chinês à supremacia americana**. Tradução de Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

QIN, Xuan e DORIA, Gaio. O socialismo com características chinesas e seu papel como ideologia guia da China. **SÉCULO XXI – RRI**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, jan./jun. 2016.

RESOLUÇÃO 2758 (XXVI) da AGNU. Disponível em: [https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/2758\(XXVI\)#Resolution](https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/2758(XXVI)#Resolution). Acesso em: 24 jan. 2022.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de economia do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

TIME Magazine. **We will bury you**. nov. 1956. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070124152821/http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,867329,00.html>. Acesso em: 17 jan. 2022.

VISENTINI, Paulo Fagundes. Editorial: Terceiro mundo ou Sul Global? **Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, v.4, n.8, jul./dez. 2015.

VOGEL, Ezra, F. **Deng Xiaoping and the transformation of China**. Cambridge, MA, and London, The Belknap Press of Harvard University Press, 2011.



VOGEL, Ezra, F. **Deng Xiaoping Book/Glossary**. Disponível em:
<https://scholar.harvard.edu/ezravogel/pages/deng-xiaoping-book> Acesso em: 02 fev. 2022.

XAOPING, Deng. **Opening Speech At the Twelfth National Congress of the Communist Party of China**. 1982. Disponível em: <https://scholar.harvard.edu/ezravogel/pages/deng-xiaoping-book>. Acesso em: 01 jan. 2022.

YU, Xiguang. **The great leap forward**. 2008. Disponível em:
<https://news.boxun.com/news/gb/pubvp/2008/05/200805072050.shtml>. Acesso em: 09 jan. 2022.

